



O HOMEM À BEIRA-MAR



JACK BENTON

Jack Benton

O Homem À Beira-Mar

Аннотация

Um mistério ambientado na costa de Lancashire no noroeste da Inglaterra. John "Slim" Hardy, alcoólatra e soldado desonrado que virou um detetive atrapalhado, é contratado para investigar Ted Douglas, um bancário de investimentos que foge do trabalho toda sexta para visitar uma enseada desolada na costa de Lancashire. Lá, ele anda até a praia, abre um velho livro, e começa a ler em voz alta. Sua esposa acha que ele está tendo um caso. Slim acha que ele é louco. A verdade é mais incrível do que ambos podem imaginar. O Homem à Beira Mar é o sensacional primeiro romance de Jack Benton, uma história clássica de amor, traição, assassinato e intriga.

Содержание

Conteúdo	5
1	8
2	13
3	17
4	20
5	23
6	27
7	29
8	34
9	39
10	49
11	57
12	59
Конец ознакомительного фрагмента.	62

O homem à beira-mar

“O homem à beira-mar” Copyright © Jack Benton / Chris Ward 2018

Traduzido por Leonardo Oliveira Pestana De Aguiar

O direito de Jack Benton / Chris Ward de ser identificado como o Autor deste Trabalho foi afirmado por ele de acordo com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão prévia por escrito do Autor.

Esta história é uma obra de ficção e é um produto da imaginação do autor. Todas as semelhanças com locais reais ou com pessoas vivas ou mortas são mera coincidência.

Conteúdo

O homem à beira-mar

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

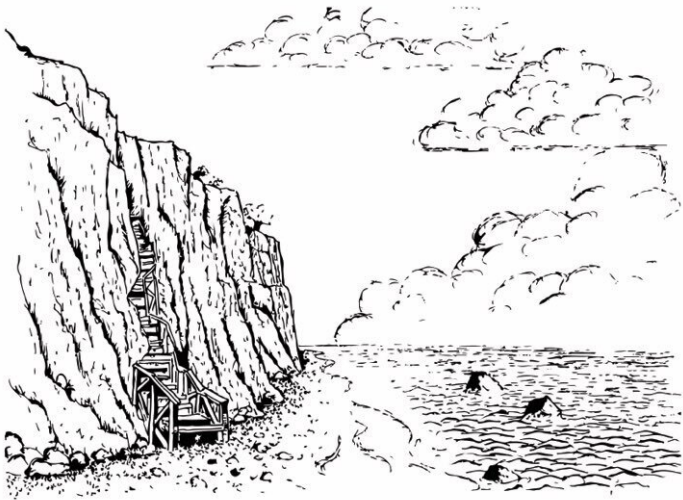
[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Sobre o Autor](#)

O homem à beira-mar

1



O sedan verde estava estacionado no topo da praia, seu motor ligado, sopros de fumaça preta saindo do escapamento. Uma linha de pontos que parecia ter sido feita por uma chave, se estendia em uma curva irregular de debaixo do retrovisor esquerdo do carro até logo acima da roda traseira.

De seu ponto de observação em uma península baixa no sul da praia, Slim Hardy baixou os binóculos, procurou pela praia até que ele avistou uma figura na beira da praia, em seguida,

levantou-os novamente. Com um dedo, ele ajustou o foco até que o homem se tornou nítido.

Envolto em uma capa de chuva sobre suas roupas de trabalho, Ted Douglas estava sozinho na praia. Uma única trilha de pegadas na areia úmida indicava que ele viera da costa rochosa.

Com as mãos rosadas do vento congelante, Ted segurava um livro, com a capa virada para fora. Um desenho prateado em uma capa preta, a essa distância as palavras eram ilegíveis. Slim desejou poder se aproximar sem ser visto, mas as pedras da costa e a extensão de poças de maré não ofereciam nenhuma cobertura.

Enquanto ondas azuis-cinzentas iam e viam, Ted levantou uma mão, e um grito fraco soou quase inaudível sobre o vento uivando ao redor da base do penhasco norte.

"O que você está realmente fazendo?" Slim murmurou. "Não há mais ninguém lá em baixo, há?"

Ele abaixou os binóculos e pegou uma câmera digital do bolso. Ele tirou uma foto do carro e outra de Ted. Por cinco semanas seguidas Slim tinha capturado o mesmo par de fotografias. Ele ainda não havia dito nada a Emma Douglas, esposa de Ted, porque, mesmo que ela estivesse começando a pressioná-lo por resultados, ainda não havia nada a dizer.

Às vezes ele desejava que Ted guardasse o livro, puxasse uma vara de pesca, e acabasse com isso.

No início Slim pensava que Ted estava lendo, mas a maneira como ele gesticulava com a mão livre para o mar deixava claro que ele estava praticando um discurso ou recitando versos. Por

que, ou para quem, Slim não tinha ideia.

Ele se ajeitou na grama úmida com os respingos do mar, ficando confortável. Não havia muito o que fazer agora, além de ver o que Ted faria em seguida, para ver se hoje ele faria o mesmo que fez nas quatro sextas-feiras anteriores: andar de volta até a praia, limpar a areia de suas roupas e sapatos, subir em seu carro, e ir para casa.

Eventualmente, ele fez isso.

Slim seguiu casualmente, seu senso de urgência havia se perdido no último mês. Como antes, Ted dirigiu os vinte e quatro quilômetros de volta para Carnwell, parou em sua garagem, e estacionou seu carro. Com um jornal debaixo de um braço e uma maleta sob o outro, ele foi para a confortável casa onde, através de uma janela da sala de jantar com as cortinas abertas, Slim o viu beijar Emma na bochecha. Quando Emma voltou para a cozinha e Ted sentou-se em uma poltrona, Slim colocou seu carro em ponto morto, soltou o freio, e deixou-o descer a colina. Assim que ele estava a uma distância segura, ele ligou o motor e foi embora.

Mais uma vez, ele não tinha nada o que relatar à Emma. Uma coisa era certa: não havia nenhum caso extraconjugal, apenas o estranho ritual a beira-mar.

Talvez Ted, um banqueiro de investimentos durante o dia, fosse um fã enrustido de Coleridge, saindo secretamente do trabalho todas as sextas-feiras à tarde, exatamente às duas, para castigar o oceano selvagem com contos de albatrozes e praias

congeladas.

Emma, é claro, como a maioria das esposas contentes depois de ser tirada de sua zona de conforto por uma descoberta surpresa, suspeitou de uma amante.

Slim tinha aluguel para pagar, um hábito de beber para financiar, e uma curiosidade para alimentar.

Desfrutando de um grande copo de vinho tinto junto a um curry de micro-ondas, ele examinou suas notas, procurando por suspeitas. O livro, obviamente, era uma. O arranhão no carro. O fato de Ted ter aperfeiçoado um ritual. Emma disse que Ted estava trabalhando meio dia às sextas-feiras por três meses, e só descobriu quando ela precisou fazer uma chamada urgente para o escritório.

Uma chamada urgente.

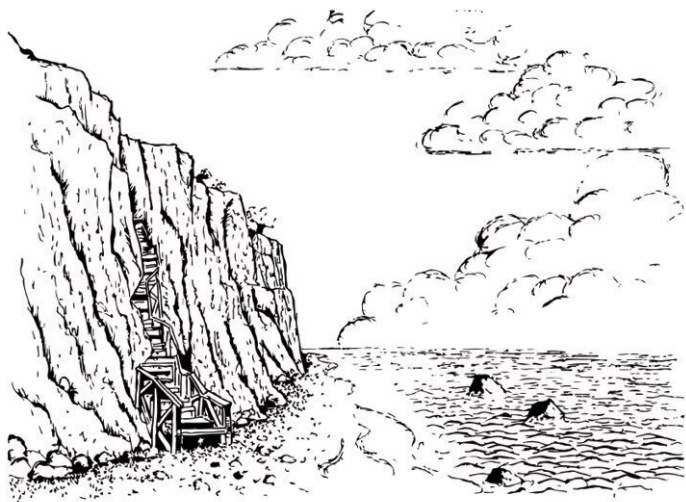
Ele fez uma nota para perguntar a ela, mas sua importância era limitada quando o ritual de Ted estava acontecendo há tanto tempo.

Havia outra coisa também, algo óbvio que ele não conseguia identificar. Algo que o incomodava, fora de seu alcance.

Havia outras variáveis que ele tinha riscado. O ritual tinha durado de trinta minutos a uma hora e quinze ao longo das cinco semanas que Slim tinha assistido. Ted escolhia onde estacionar aleatoriamente. Às vezes ele deixava o motor ligado, às vezes não. Ele variava suas rotas de chegada e partida a cada vez, mas não de forma a levantar suspeita. Ele dirigia tão devagar que Slim - em sua juventude pelo menos - poderia ter

seguido de bicicleta. Sua viagem de lazer parecia um tempo de meditação, especialmente para um homem como Ted, que Slim tinha testemunhado durante outras observações dirigindo em linha reta para o trabalho todos os dias, saindo de casa em um horário que não o permitia perder cinco minutos.

Seja qual fosse a razão do estranho ritual de Ted à beira-mar, ele deixou Slim procurando por respostas, como um peixe jogado para fora d'água por uma maré tempestuosa.



No domingo, Slim dirigiu até a praia de Ted. Sem nome no antigo mapa da área que ele havia comprado em uma loja de segunda mão, era uma enseada estreita com penhascos subindo até cabeceiras rochosas de ambos os lados, envolvendo o Mar da Irlanda como as mãos de um gigante. Quando a maré estava alta, a praia era um semicírculo rochoso, mas na maré baixa um belo campo de areia marrom acinzentado se colocava na frente das ondas.

Algumas pessoas passeando com cães e uma família escalando pelas poças de maré eram os únicos visitantes em um alegre dia de outubro. Slim caminhou até a costa - o mar hoje uma ondulação silenciosa, a mais calma que ele tinha visto - e olhando para a área do penhasco sul de onde ele observava Ted, ele mediu a localização aproximada de seu alvo na última ocasião em que o tinha visto.

Apenas um pedaço normal de areia. Ele estava quase no centro, com algumas pedras de um lado, areia ondulada e mais poças de maré para o outro. A areia molhada a seus pés puxava seus sapatos. A água era uma linha cinza à frente.

Ele estava se voltando para ir embora quando uma pessoa com um cão o surpreendeu. Um Jack Russell pulava pela areia enquanto o homem, barbudo e careca e envolto em um espesso corta-vento, balançava um comprimento de coleira como um laço de brinquedo.

"Bonito, não é?"

Slim assentiu com a cabeça. "Em um dia mais quente eu gostaria de um mergulho."

O homem parou, inclinando a cabeça. Olhos rápidos olhavam Slim de cima a baixo. "Você não é daqui, é?"

Slim encolheu os ombros de maneira que poderia significar sim ou não. "Moro em Yatton, alguns quilômetros a leste de Carnwell. Não, nós, do interior, não vimos muito para a costa."

"Conheço Yatton. Mercado decente aos sábados." O homem virou-se para olhar para o mar. "Se você for tolo o suficiente

para entrar naquela água, tome cuidado com as correntezas. Elas são mortais."

Ele disse isso com tanta certeza que fez passar uma gota de medo pelas costas de Slim.

"Oh, eu vou me cuidar," disse Slim. "Está muito frio de qualquer maneira."

"Está sempre muito frio," disse o homem. "Você quer um mergulho decente, vá para a França." Então, tocando uma mão na testa, ele acrescentou: "Te vejo por aí."

Slim observou o homem se afastar pela praia, o cão fazendo grandes círculos ao seu redor enquanto pulava pelas pequenas poças deixadas pela maré que partira. O homem, ocasionalmente pulando em poças mais profundas na areia, continuou seus movimentos giratórios com a guia como se ele pudesse em algum momento tentar puxar o cão. Quando o homem se afastou, Slim sentiu uma crescente sensação de solidão, como uma onda estranha se espalhando por ele até espirrar em torno de seus tornozelos. Com o vento piorando, ele voltou para o carro. Quando ele estava saindo do estacionamento de terra na estrada costeira, ele notou algo deitado na vegetação rasteira dentro do cruzamento.

Ele parou, saiu, e arrastou o objeto para fora do mato. A rede de amoreiras cercando-o raspava uma velha superfície de madeira, relutante em soltá-lo.

Uma placa, podre e desbotada.

No lado de baixo, Slim leu:

ENSEADA CRAMER

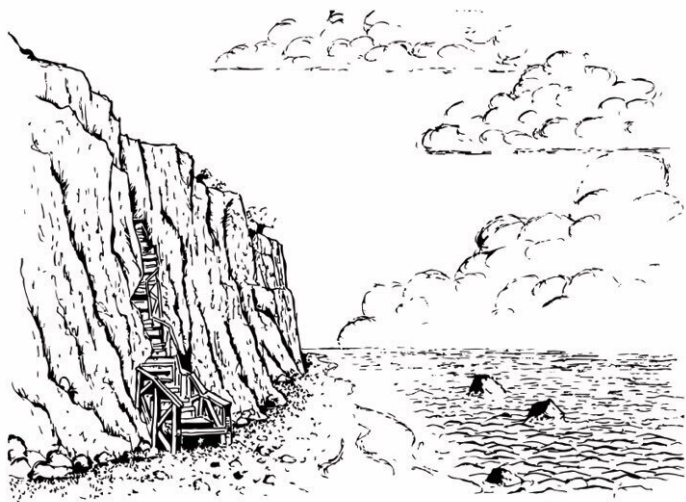
Proibido nadar a qualquer horário.

Correntes de retorno perigosas.

Slim apoiou a placa contra a cerca, mas ela perdeu o equilíbrio e caiu no chão, de cara para baixo. Depois de um momento pensativo, ele deixou-a onde estava e voltou para o carro.

Enquanto ele se afastava, por uma estrada costeira sinuosa entre duas sebes profundas enquanto ele dirigia por um vale íngreme, ele pensou sobre o que o passeador de cães tinha dito. A placa explicava as poucas pessoas que ele tinha visto, embora sem que as informações estivessem claramente exibidas, as correntes tinham que ser de conhecimento local.

Com um nome para a praia, porém, ele agora tinha alguma suspeita.



Na segunda-feira, ele marcou uma reunião com Emma Douglas para dar-lhe um relatório.

"Estou perto de fazer um avanço," disse ele. "Só preciso de mais algumas semanas."

Emma, uma mulher muito bem vestida, mas de aparência mediana em seus cinquenta e poucos anos, tirou o par de óculos para esfregar os olhos. Poucas linhas de idade e cabelo com apenas um pouco de cinza sugeriam que um marido que

desaparecia por algumas horas uma vez por semana era o que ela chamava de dificuldades.

"Você sabe o nome dela? Aposto que é aquela vagabunda de..."

Slim levantou a mão, seu olhar militar ainda forte o suficiente para cortar suas palavras no meio da frase, embora ele amenizou-o com um sorriso rápido.

"É melhor que eu reúna tudo o que posso primeiro," disse ele. "Eu não gostaria de passar suposições como verdade."

Emma parecia frustrada, mas depois de um momento de pausa, ela assentiu com a cabeça. "Eu entendo," disse ela, "mas você deve entender como isso é difícil para mim."

"Acredite, eu entendo," disse Slim. "Minha esposa fugiu com um açougueiro."

E havia sido por atacar o homem errado com uma navalha que ele fora dispensado do exército e condenado a uma sentença de três anos em condicional. Felizmente, tanto por sua liberdade quanto pelo rosto da vítima, meia garrafa de uísque reduzira sua pontaria para a de um homem vendado atirando no escuro.

"Eu entendo," acrescentou. "Eu preciso que você faça uma coisa para mim."

"O quê?"

Ele entregou-lhe um pequeno objeto de plástico. "Ele usa um corta-vento quando ele... quando eu o vejo. Enrole isso em um pequeno pedaço de pano e coloque em um bolso interno. Conheça esse tipo de jaqueta. Elas têm vários bolsos no forro

interno. Ele não deve notar."

Ela segurou o item e o virou. "É uma unidade USB-"

"Foi projetado para parecer uma. Caso ele encontre. É um bug remoto automatizado. Edição do exército."

"Mas e se ele verificar o que há nele?"

"Ele não vai."

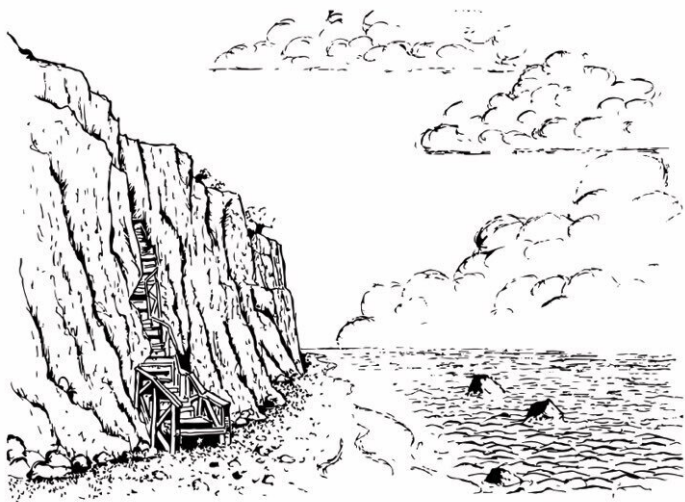
E se o fizesse, uma pasta de pornografia pré-carregada o faria ser jogado na lixeira mais próxima se Ted tivesse algum fio de decência, deixando o microfone escondido atrás do invólucro USB sem ser detectado.

"Só confie em mim," disse Slim, esperando soar impositivo.

"Sou um profissional."

Emma não parecia convencida, mas ela deu-lhe um sorriso tímido e acenou com a cabeça.

"Eu vou fazer isso hoje à noite," disse ela.



Na sexta-feira seguinte, Slim chegou à Enseada Cramer algumas horas antes de quando esperava que Ted aparecesse, tendo desejado encontrar um bom lugar para montar seu equipamento de gravação. Normalmente ele observava Ted de um gramado não muito longe do caminho da costa, mas desta vez ele subiu um pouco mais alto e escolheu uma borda gramada que ainda tinha uma vista da praia, mas também estava escondido da vista de qualquer um que pudesse passar por lá. Lá, com um

lençol impermeável para se proteger da chuva, ele montou seu equipamento de gravação e sentou-se para esperar.

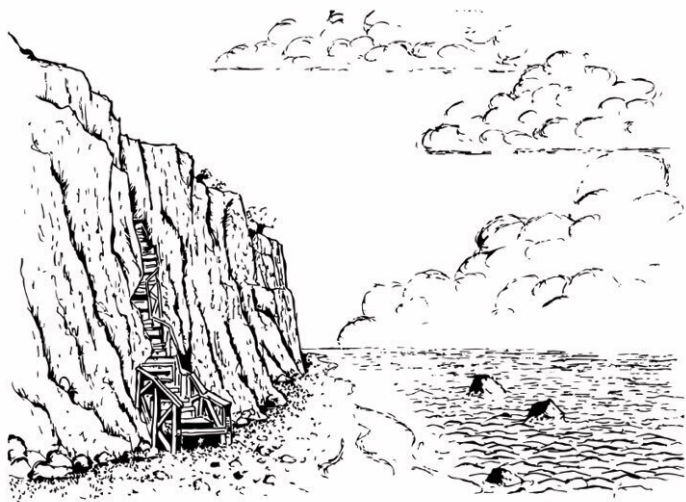
Ted chegou um pouco depois das duas. Estava chovendo intermitentemente o dia todo, e Slim fez uma careta quando o tempo piorou, ameaçando interromper sua gravação enquanto o barulho da chuva em seu lençol impermeável se intensificava. Ted, usando a capa de chuva, caminhou até a beira da água e assumiu sua posição habitual. A maré de hoje estava a meio caminho da praia. Ted estava sozinho; o último passeador de cães tinha ido para casa meia hora antes de ele chegar.

Ted se agachou e pegou o livro. Ele apoiou-o em seu joelho, em seguida, inclinou-se para a frente para que seu capuz o abrigasse da chuva. Então ele começou a ler, e uma voz abafada estalou através dos fones de ouvido de Slim.

Nos primeiros segundos, Slim ajustou o controle de frequência, certo de que estava captando algo além da voz de Ted. As palavras não faziam sentido, mas os gestos de Ted coincidiam com a ascensão e queda na entonação, então Slim sentou-se na grama para ouvir. Ted continuou por vários minutos, parou por um tempo, em seguida, começou novamente. Slim se viu com dificuldade de manter a atenção enquanto ele lutava para extrair qualquer sentido das palavras. No momento em que Ted implorou em inglês, "Por favor, diga-me que me perdoa," Slim estava estudando as ondas que suavemente rebentavam por alguns minutos, pensando em outra coisa.

Slim sentou-se enquanto Ted enfiava o livro de volta no bolso

do casaco. Depois de um último olhar para o mar, Ted virou-se e caminhou de volta para seu carro, de cabeça baixa. Slim começou a guardar seu equipamento em um saco. Seus dedos formigavam, sua mente se agitava. Algo parecia errado, como se ele tivesse se intrometido em um ato que era privado e nunca deveria ser compartilhado. Quando ele olhou para cima para ver o carro de Ted saindo do estacionamento, ele sabia que deveria perseguir, que esta noite poderia ser a noite que Ted correria para os braços de alguma amante até então invisível, mas ele estava congelado, pego em sua própria correnteza pela ameaça do que as palavras de Ted poderiam revelar.



Naquela noite, ainda sem ter tomado uma decisão sobre o que fazer com a gravação misteriosa, Slim sonhou com ondas quebrando e braços azul-acinzentados estendendo-se das profundezas congelantes para puxá-lo.

Ciente de que sua dispensa estava próxima, Slim economizara o que pôde do exército, e nos quinze anos desde então, e particularmente nos cinco desde que ele abandonou uma sucessão de empregos de transporte rodoviário de baixa

remuneração para trabalhar como um soldado investigador, ele fez bom uso de seus contatos. No final da manhã seguinte, com uma tigela de cereais na mão - temperada com uma pitada de uísque - ele ligou para um velho amigo especializado em línguas estrangeiras e tradução.

Enquanto esperava por uma resposta, ele voltou para a cama e colocou seu velho laptop sobre os joelhos. A internet, com um pouco de pesquisa, começou a revelar respostas.

A Enseada Cramer não esteve listada entre os melhores pontos turísticos da costa de Lancashire por mais de trinta anos. De acordo com um site de legislação local, o banho foi proibido depois do verão de 1952, quando as poderosas correntes de retorno ceifaram três vidas em poucas semanas. Com qualquer tipo de atividade aquática oficialmente proibida, a sentença de morte soou para os dias de ponto turístico de verão da Enseada Cramer, com moradores e turistas abandonando a pitoresca enseada em favor das areias mais sem graça, porém mais seguras, de Carnwell e Morecombe. No entanto, algumas almas corajosas tinham claramente enfrentado isso, já que havia outras quatro mortes registradas desde o início dos anos 80, e embora as circunstâncias em torno de cada uma fossem misteriosas, todas foram oficialmente atribuídas a acidentes de afogamento.

À medida que o rastro da tragédia se alongava, Slim relutou em aprofundar sua busca. Seu único turno ativo durante a primeira Guerra do Golfo em 1991 havia destruído muito de sua curiosidade. Havia um nível para o qual o elevador devia ficar

permanentemente desativado, e ele já se sentia muito além dele, mas agora estava em um tipo diferente de folha de pagamento e o aluguel não se pagaria sozinho.

Ele verificou datas e idades. Ted Douglas tinha cinquenta e seis anos, então em 1984 ele teria vinte e três.

E lá ela estava.

25 de outubro, 1984. Joanna Bramwell, de 21 anos, supostamente se afogou na Enseada Cramer.

Estaria Ted lamentando um amor perdido? De acordo com os detalhes que Slim pedira a Emma Douglas, eles se conheceram e se casaram em 1989. Nessa época, Joanna Bramwell já estava morta há cinco anos.

Slim estava feliz por não ter havido traição. Era comum demais, e anticlimático de muitas formas.

A Internet fornecia apenas um nome e causa da morte, então Slim ligou seu velho Honda Jazz em uma manhã fria e dirigiu até a biblioteca em Carnwell para vasculhar arquivos de jornais microfichados.

As três vítimas depois de Joanna eram uma adolescente, uma criança e uma senhora idosa. Quando Slim chegou a uma página que deveria ter publicado um artigo sobre a morte de Joanna, ele encontrou a página manchada como se tivesse sido danificada pela água, as palavras misturadas umas com as outras, ilegíveis.

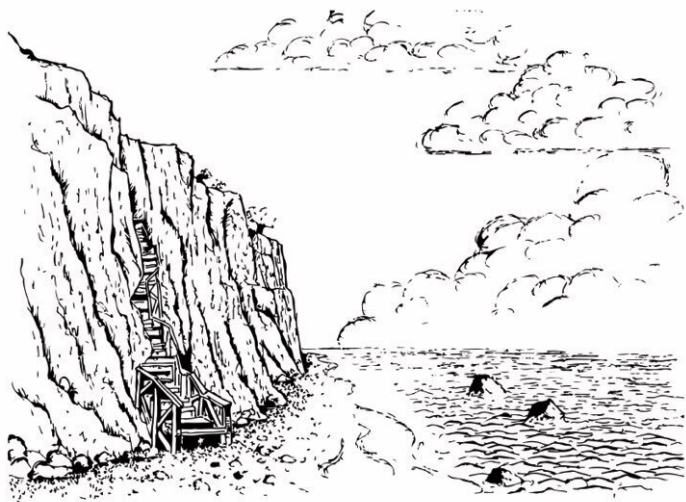
O bibliotecário de plantão afirmou que não havia outra cópia, apesar dos protestos de Slim. Seu pedido de informações sobre a causa do dano foi respondido com um encolher de ombros.

"Você está procurando um artigo sobre uma garota morta?" perguntou o bibliotecário, um homem na casa dos trinta, que tinha a aparência de um aspirante a romancista, todo trabalhado no suéter com gola enrolada, lenço ornamental e óculos de armação metálica. "Talvez alguém não queira que você leia."

"Não, talvez não," disse Slim.

O jovem bibliotecário deu uma piscada, como se fosse algum tipo de jogo. "Ou talvez a pessoa que você está procurando desenterrar prefira não ser incomodada."

Slim forçou um sorriso e o que considerou ser a risada esperada, mas ao sair da biblioteca, tudo o que sentia era frustração. Joanna Bramwell, ao que parecia, realmente desejava permanecer imperturbada.



O exército, apesar de toda sua rigidez e regras, ensinou a Slim a desenvoltura, e o fez mestre de uma panóplia de disfarces que ele poderia assumir à vontade. Armado com uma prancheta, um caderno em branco e uma caneta emprestada sem prazo de devolução do correio local, ele bebeu durante algumas horas fingindo ser um pesquisador de documentário de história local, batendo de porta em porta, fazendo perguntas apenas para aqueles com idade suficiente para poder saber, desviando o

assunto para distrair aqueles muito jovens para saberem.

Nove ruas e nenhuma pista substancial depois, ele voltou, bêbado e exausto, para uma chamada perdida de Kay Skelton no telefone fixo de seu apartamento, seu amigo tradutor do exército, que agora trabalhava como linguista forense.

Ele ligou de volta.

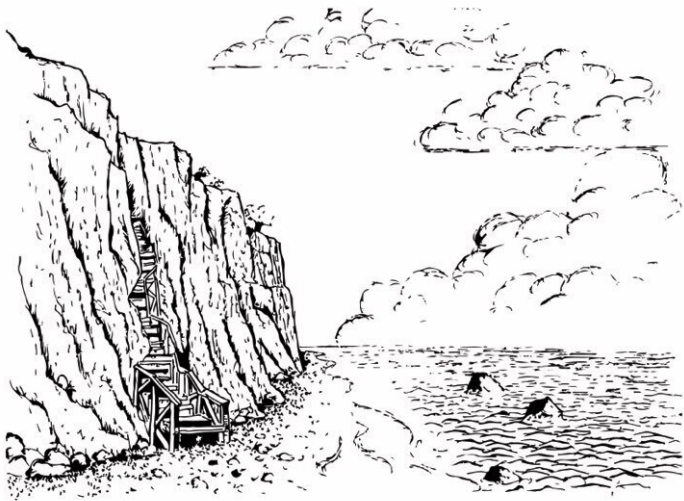
"É latim," disse Kay. "Mas ainda mais arcaico do que o normal. O tipo de latim que nem mesmo as pessoas que falam latim geralmente conhecem."

Slim sentiu que Kay estava simplificando um conceito complicado que ele poderia não entender, mas continuou a explicar que as palavras eram um chamado para os mortos, um lamento para um amor perdido. Ted estava implorando por uma lembrança, uma ressurreição, um retorno.

Kay tinha procurado a transcrição on-line e descobriu se tratar de uma citação direta, tirada de uma publicação de 1935 intitulada *Pensamentos abrangidos pelos mortos*.

"Provavelmente seu alvo achou o livro em um sebo," afirmou Kay. "Está fora de circulação há 50 anos. Que tipo de homem quer algo assim?"

Slim não tinha resposta, porque, francamente, ele não sabia.



Outra semana fingindo que pesquisava trouxe Slim a outra pista. Com a menção do nome de Joanna, um sorriso veio ao rosto de uma velha senhora que se apresentara como Diane Collins, residente local. Ela acenou com o tipo de entusiasmo de alguém que não recebia um convidado há muito tempo, então convidou Slim para sentar-se em uma sala de estar clara com janelas com vista para fora sobre um gramado artesanal que se inclinava até um lago limpo e oval. A única coisa destoante era

uma amora-silvestre subindo a cerca de madeira na parte traseira do jardim. Slim, cujo conhecimento de jardinagem se limitava a ocasionalmente chutar para o lado as ervas no degrau da frente de seu prédio, se perguntou se poderia ser, na verdade, um ramo de rosas sem flores.

"Eu era a professora de classe de Joanna," afirmou a senhora, com as mãos cercado uma xícara de chá fraco, que ela tinha o hábito de girar em seus dedos como se estivesse tentando afastar a artrite. "A morte dela chocou a todos na comunidade. Foi tão inesperado, e ela era tão amável. Tão brilhante, tão bonita. Quero dizer, havia alguns verdadeiros terrores naquela classe, mas Joanna, ela sempre foi tão bem comportada."

Slim ouviu pacientemente quando Diane começou um longo monólogo sobre os méritos da garota há muito falecida. Quando ele teve certeza que ela não estava olhando, ele tirou um cantil de bolso e derramou uma gota de uísque em seu chá.

"O que aconteceu no dia em que ela se afogou?" Slim perguntou, quando Diane começou a divagar em histórias de seus dias de ensino. "Ela não sabia sobre as correntes na Enseada Cramer? Quero dizer, Joanna não foi a primeira a morrer lá em baixo. Nem a última."

"Ninguém sabe o que realmente aconteceu, mas o corpo dela foi encontrado na linha da maré alta no início da manhã por alguém passeando com um cachorro. Nessa hora, é claro, já era tarde demais."

"Para salvá-la? Bem-"

"Para o casamento dela."

Slim sentou-se. "Repita?"

"Ela desapareceu na noite anterior ao seu grande dia. Eu estava lá, entre os convidados enquanto esperávamos por ela. Claro, todo mundo assumiu que ela tinha abandonado ele."

"Ted?"

A velha franziu a testa. "Quem?"

"O noivo dela? Seu nome era-"

Ela balançou a cabeça, acenando para Slim com o movimento de uma mão manchada pela idade.

"Eu não me lembro agora. Mas lembro-me do rosto dele. A foto estava no jornal. Eles nunca deveriam ter fotografado um homem com o coração partido assim. Embora, devo dizer, houveram rumores..."

"Que rumores?"

"Que ele a deixou. A família dela tinha dinheiro, a dele não."

"Mas antes do casamento?"

"É por isso que nunca fez sentido. Há maneiras melhores de deixar alguém, não há?"

A maneira como Diane ergueu o rosto e olhou para ele fez Slim sentir como se ela estivesse olhando dentro de sua alma. *Eu nunca matei ninguém*, Slim queria dizer a ela. *Eu posso ter tentado uma vez, mas nunca matei.*

"Houve uma investigação?"

Diane deu de ombros. "Claro que houve, mas não deu em nada. Era o início dos anos 80. Naquela época, muitos crimes

não eram resolvidos. Não tínhamos todos esses testes forenses e de DNA e tudo isso que você vê na TV agora. Perguntas foram feitas — lembro-me de ter sido entrevistada — mas sem provas, o que poderiam fazer? O caso foi descartado como um acidente infeliz. Por alguma razão boba, ela foi nadar na noite anterior ao seu casamento, saiu de onde dava pé, e se afogou.

"O que aconteceu com o noivo?"

"Ele se mudou, foi a última coisa que ouvi."

"E as famílias?"

"Ouvi dizer que a dele foi para o exterior. A dela mudou-se para o sul. Joanna era filha única. A mãe dela morreu jovem, mas o pai dela morreu no ano passado. Câncer." Diane suspirou como se este fosse o auge da tragédia.

"Sabe de mais alguém com quem eu poderia falar?"

Diane deu de ombros. "Devem haver velhos amigos por aí. Eu não saberia. Mas cuidado. Não se fala sobre isso."

"Por que não?"

A velha senhora colocou seu chá em uma mesa de café coberta de vidro com borboletas tropicais sob sua superfície prensada.

"Carnwell costumava ser muito menor do que é hoje," disse ela. "Hoje em dia se tornou uma espécie de cidade dormitório. Você pode caminhar até as lojas agora sem ver um único rosto familiar. Nunca foi assim. Todo mundo conhecia todo mundo, e como toda comunidade unida, tínhamos bagagem, negócios que preferimos que fiquem em segredo."

"O que poderia ser tão ruim?"

A velha virou-se para olhar pela janela, e no perfil Slim podia ver seu lábio trêmulo.

"Há aqueles que acreditam que Joanna Bramwell ainda está conosco. Que ela... ainda nos assombra."

Slim desejou ter colocado uma dose mais forte de uísque em seu chá. "Eu não entendo," disse ele, forçando um sorriso falso. "Um fantasma?"

"Você está zombando de mim, senhor? Eu acho que talvez seja hora de você-"

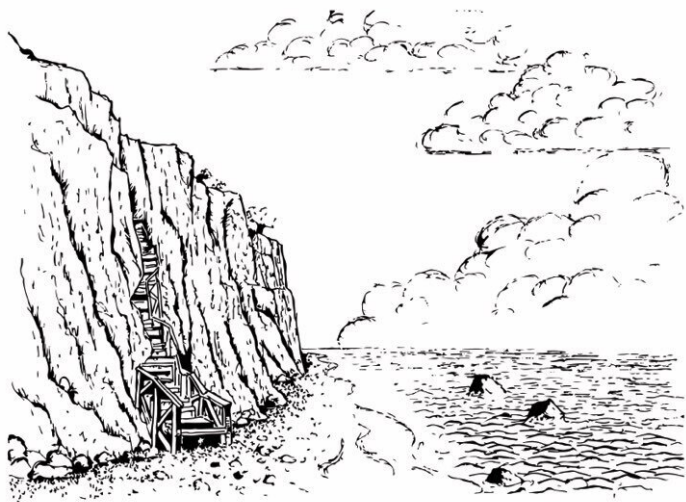
Slim levantou-se antes dela, levantando as mãos. "Sinto muito, senhora. É que tudo isso soa incomum para mim."

A mulher olhou pela janela e murmurou algo sob sua respiração.

"Desculpe, não entendi."

O olhar em seus olhos o fez tremer. "Eu disse que você não diria isso se a tivesse visto."

Como se tivesse ficado sem bateria, Diane não diria mais nada de interesse. Slim acenou com a cabeça enquanto ela o levava de volta para a porta da frente, mas tudo o que ele conseguia pensar era na expressão nos olhos de Diane, e como ela o fez querer olhar por cima de seu ombro.



Debruçado sobre um prato de pizza requentada, Slim pensava sobre o que ele deveria dizer a Emma.

"Acho que meu marido está tendo um caso," começava a primeira ligação gravada de Emma para o celular de Slim. "Sr. Hardy, seria possível me retornar?"

Casos eram fáceis de provar ou refutar com um pouco de espionagem e algumas fotografias; eles eram o arroz com feijão dos investigadores particulares, o tipo de trabalho fácil para pagar

a hipoteca. Ele já tinha resolvido esse caso. Ted estava limpo, a menos que fosse possível ter um caso com o fantasma de uma garota afogada.

Emma se ofereceu para pagar as informações, e a conta de Slim estava no vermelho. Mas como ele poderia explicar o ritual que Ted fazia toda sexta à tarde?

Ele marcou um encontro com Kay em um café local.

"É um ritual antigo," disse Kay a ele. "Ele chama um espírito errante para voltar ao lugar que chama de lar. O seu cara está pedindo a um espírito para voltar para ele. Parte do texto bate com o manuscrito que encontrei em um arquivo online, mas outra parte foi alterada. É difícil, a gramática é um pouco incerta. Eu acho que o seu cara fez as alterações ele mesmo."

"E o que diz?"

"Ele pede que lhe seja dada uma segunda chance."

"Tem certeza disso?"

"Certeza. Mas o tom... o tom é estranho. Pode ser um erro de tradução, mas... a maneira como ele diz, é como se algo ruim fosse acontecer se ela não voltar."

Kay concordou em traduzir o ritual da semana seguinte também, para ver se havia alguma variação, mas depois disso, infelizmente, ele disse que precisaria receber por seu tempo.

Slim precisava dizer algo à Emma. As despesas, tanto reais quanto possíveis, estavam começando a aumentar. Antes, porém, ele tentou recorrer a um de seus contatos do exército, para ver se ele poderia desenterrar um pouco mais de informação.

Ben Orland trabalhou na polícia militar, antes de assumir um posto de superintendente em Londres. Se por um lado seu tom era frio o suficiente para lembrar Slim da desgraça que ele tinha trazido para sua divisão, Ben se ofereceu para fazer uma chamada em nome de Slim para um velho amigo, o chefe da força policial local de Carnwell.

O chefe de polícia, porém, não estava retornando ligações para investigadores particulares.

Slim decidiu compilar as informações que ele tinha até então para passar para Emma, e deixar por isso. Afinal, ele tinha conseguido sua comissão inicial, e se ele se deixasse cavar muito mais fundo, seria em seu próprio tempo e às suas próprias custas.

Primeiro, ele passou pela Enseada Cramer para dar um passeio, imaginando se as penínsulas poderiam inspirá-lo.

Era quinta-feira, e a praia estava deserta. Com a estrada sinuosa, esburacada, e em certas partes tão danificada que era pouco mais do que uma trilha de terra sobre pedras, não era surpreendente que a Enseada Cramer fosse impopular. No entanto, no topo da praia, ele encontrou fundações de pedra sugerindo que esta tinha desfrutado de uma popularidade muito maior em dias passados.

No planalto acima da costa, Slim encontrou pedaços de madeira deitados nas ervas, traços de tinta colorida ainda visíveis. Ele fechou os olhos e se virou, inspirando o cheiro do ar do mar e imaginando uma praia cheia de turistas, sentados em toalhas, tomando sorvetes, brincando com bolas na areia.

Quando ele abriu os olhos, algo estava de pé à distância na beira da água.

Slim olhou, mas seus olhos não eram os mesmos de antes. Ele bateu o bolso do casaco, mas tinha deixado os binóculos no carro.

A coisa ainda estava lá, uma mistura de cinza e preto em forma humana. A água refletia em suas roupas, e nos longos fios de cabelo emaranhado.

Enquanto Slim observava, a pessoa desapareceu na direção do mar.

Slim olhou por um longo tempo, espantado, e conforme os minutos passavam, ele começou a duvidar se ele realmente tinha visto alguma coisa. Apenas uma sombra, talvez, causada por uma nuvem que passou sobre a praia. Ou mesmo algo não humano, uma das focas cinzentas que povoavam esta seção da costa.

Ele tentou lembrar quantos drinques ele tinha bebido hoje. Teve a dose habitual em seu café da manhã, um copo - ou foram dois? - a do almoço, e talvez uma antes de sair?

Talvez fosse hora de pensar em manear. Ele jogava roleta toda vez que entrava no carro, mas ele tinha passado tanto tempo suprimindo a culpa e a vergonha de sua própria existência que ele nem percebia mais.

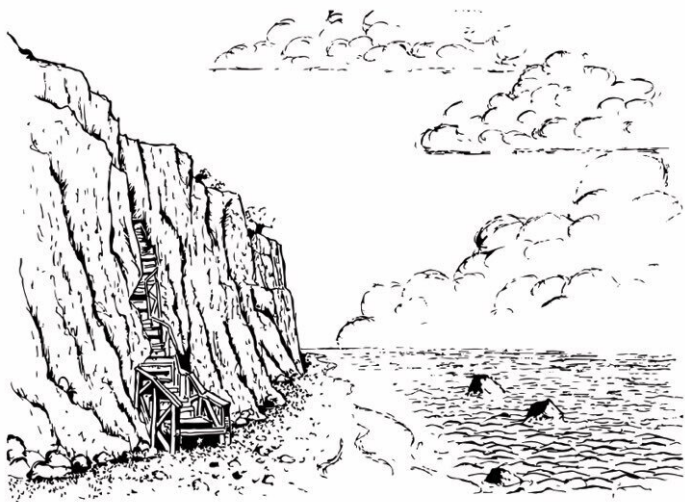
Ele estava contando possíveis doses nos dedos quando percebeu que a maré ainda não estava baixa. Se algo realmente estivesse lá, as trilhas estariam visíveis na areia molhada.

Slim passou por cima de uma barreira de metal enferrujado,

correu pela margem rochosa e pela areia plana. Muito antes de chegar à beira da água, ele sabia que sua busca era inútil. A areia era lisa, pontuada apenas por linhas de ondulação deixadas pelo recuo da maré.

Quando voltou ao carro, ele se convencera de que a figura que o observava da costa era fruto de sua imaginação.

Afinal, o que mais poderia ser?



Na próxima sexta-feira, Ted repetiu seu ritual como sempre. Slim tinha considerado encontrar-se com Emma pela manhã e então trazê-la com ele para provar sua história, mas depois de uma noite perturbada por sonhos perversos de demônios marinhos e tempestades, ele mudou de ideia. Observando Ted do mesmo gramado que ele observara nas cinco semanas anteriores, ele se sentiu estranhamente redundante, como se tivesse batido forte em uma parede de tijolos e não tivesse para onde ir.

Caminhando de volta para a praia depois que Ted fora embora, ele chutou os restos rosados de uma pá de plástico e decidiu que era hora de procurar mais um pouco.

Ele imaginou que sábado e domingo fossem os dias em que a maioria das pessoas estaria em casa, então ele percorreu as ruas, batendo em portas e fazendo perguntas em seu novo disfarce familiar de documentarista falso. Poucas pessoas lhe cederiam algum tempo, e quando ele parou em três pubs de Carnwell para revisar o que havia aprendido até então, ele duvidou que estivesse no tipo de estado para fazer muito progresso.

Ele estava cambaleando ao longo de uma última rua no extremo norte da cidade quando uma sirene deu um toque rápido para anunciar um carro da polícia parando atrás dele.

Slim parou e se virou, apoiando-se em um poste de luz para recuperar o fôlego. Um policial abaixou a janela e acenou para Slim entrar.

Com cinquenta e poucos anos, o homem tinha dez anos a mais que Slim, mas parecia em forma e saudável, o tipo de homem que comia cereais e suco de laranja no café da manhã e saía para correr na hora do almoço. Slim lembrou com carinho dos dias em que vira um homem assim olhando para ele, mas já fazia alguns anos desde que ele havia derrubado e quebrado o único espelho de seu apartamento, e ele nunca olhava muito para os reflexos, para evitar má sorte.

O policial sorriu. "O que está acontecendo? Recebi três ligações hoje. O dobro da média semanal. Qual casa você está

planejando roubar?"

Slim suspirou. "Acho que, se tivesse que escolher, escolheria aquela verde da Billing Street. Número seis, eu acho? Marido no trabalho e ainda tem duas Mercedes na garagem? Você pode dizer só pelo som do ar-condicionado que a casa é um tesouro. Quero dizer, quem tem ar-condicionado no noroeste da Inglaterra? Eu já estaria lá, mas não gostaria de arriscar que o alarme logo atrás da porta tivesse uma ligação direta com a polícia."

"E tem mesmo. Terry Easton é um advogado local."

"Sanguessugas."

"Você tem razão. Então, estou supondo, Sr..."

"John Hardy. Me chame de Slim. É como todos me chamam."

"Slim?"

"Não pergunte. É uma longa história..."

"Não seria apropriado. Então, suponho, Sr. Hardy, que você não está realmente interessado em mitos e lendas locais. O que você é, agente à paisana da Scotland Yard?"

"Quem dera. Inteligência militar, dispensado. Ataquei um homem que não estava realmente transando com minha esposa. Cumpri minha pena, saí com um conjunto de habilidades pré-adquiridas e um problema com álcool esperando para acontecer."

"E agora?"

"Investigador particular. Trabalho principalmente nos arredores de Manchester. A fome me trouxe tão ao norte." Ele deu um tapinha no estômago. "Não se deixe enganar. É só cerveja

e água."

Como se não tivesse certeza de onde Slim separava a verdade do humor, o homem deu um meio sorriso. "Bom, Hardy, meu nome é Arthur Davis. Sou o inspetor-chefe da nossa pequena polícia aqui em Carnwell, embora com o tamanho da nossa força eu mal mereça o título. Acredito que tentou me contatar sobre um caso arquivado. Joanna Bramwell?"

"É assim que você costuma retornar chamadas?"

Arthur riu, um barítono que fez os ouvidos de Slim tremerem. "Eu estava indo para casa. Pensei em procurar por você. Agora, você quer dizer do que se trata? Ben Orland é um velho amigo, que é a única razão pela qual eu considerarei falar com você. Há casos arquivados, e há o caso de Joanna Bramwell. É um que esta comunidade sempre esteve feliz em manter enterrado."

"Algum motivo especial?"

"O que você quer saber?"

Sem perguntar, Arthur tinha entrado em um Drive-through do McDonald's e presenteou Slim com uma xícara fumegante de café preto.

"Eu tomo com três açúcares," disse Arthur, rasgando um sachê. "E você?"

Slim deu-lhe um sorriso cansado. "Uma dose de Bells se eu tivesse uma a mão," disse ele. "Mas vou tomar puro. Fica mais forte."

Arthur parou em uma vaga de estacionamento livre e desligou o motor. Sob a luz do poste mais próximo, o rosto do chefe

de polícia era como a superfície da lua, uma série de crateras sombreadas.

"Eu vou te dizer diretamente que você deve esquecer esse caso," disse Arthur, tomando seu café, olhando em frente para as grades que os separavam de uma rotatória. "O caso Joanna Bramwell destruiu um dos melhores policiais que Carnwell já teve. Mick Temple foi meu primeiro mentor. Ele liderou o caso, mas se aposentou logo depois, com apenas 53 anos. Enforcou-se um ano depois."

Slim franziu a testa. "Tudo por causa de uma garota morta na praia?"

"Você é um militar," disse Arthur. Slim assentiu com a cabeça. "Eu acho que você já viu coisas sobre as quais não gosta de falar muito. A menos que você tenha bebido, e nesse caso você não fala sobre outra coisa?"

Slim olhou as luzes embaçadas dos carros passando pela estrada. "Uma explosão," ele murmurou. "Um par de botas e um chapéu jogados na poeira. Todo o resto... desaparecido."

Arthur ficou em silêncio por alguns segundos como se digerisse essa informação e lhe desse um período de respeito habitual. Slim não falava de seu antigo líder de pelotão há 20 anos. Bill Allen não tinha desaparecido completamente, é claro. Encontraram pedaços dele mais tarde.

"Mick sempre disse que ela voltava," disse Arthur. "Eles a encontraram deitada no alto da costa, como se levada para lá por uma onda estranha. Você esteve na Enseada Cramer,

eu suponho? Ela estava 30 metros acima da linha da maré de primavera. Não tinha como Joanna ter chegado lá a menos que alguém tivesse arrastado ela.

"Ou ela rastejou até lá."

Arthur colocou a mão na cabeça como se tentasse expulsar o pensamento de sua mente.

"O relatório oficial afirmou que os dois passeadores de cães que a encontraram deviam tê-la movido, para mantê-la longe da maré, mas ambos eram moradores locais. Eles saberiam que a maré estava diminuindo."

"Mas ela estava morta?"

"Sim. Com exame do legista e tudo mais. Oficialmente, ela se afogou. Eles a colocaram no necrotério e depois a enterraram."

"Só isso? Não teve investigação?"

"Nós não tínhamos nada para investigar. Nenhum indício que fosse outra coisa além de um acidente. Sem testemunhas, nada circunstancial. Foi um acidente, isso era tudo."

Slim sorriu. "Então por que você chamou de caso arquivado? Isso é uma investigação de assassinato não resolvida, não é?"

Arthur bateu os dedos no painel. "Me pegou. Isso foi esquecido por todos, exceto para os poucos de nós que se lembram de Mick."

"O que mais você sabe?"

Arthur virou-se para Slim. "Já te disse o suficiente, eu acho. Que tal você me dizer o que está fazendo perambulando pelas ruas de Carnwell em busca de informações?"

Slim pensou em mentir para o chefe de polícia. Afinal, se ele abrisse o jogo e a polícia se envolvesse, ele provavelmente nunca seria pago. No final, ele disse: "Eu tenho um cliente que tem uma obsessão por Joanna. Estou tentando descobrir por quê."

"Que tipo de obsessão?"

"Um, do tipo ocultista."

"Você é um daqueles caçadores de fantasmas malucos?"

"Eu não era até uma ou duas semanas atrás."

Arthur suspirou. "Bem, este seria um bom ponto para começar. Já ouviu falar de Becca Lees?"

Slim franziu a testa, procurando em sua memória recente. Ele tinha ouvido o nome em algum lugar...

"A segunda vítima," disse Arthur. "Cinco anos depois da primeira. 1992. Houve uma terceira em 2000, mas vamos chegar lá."

"Devo anotar isso?"

No escuro, o gesto de Arthur poderia ter sido uma confirmação ou um encolher de ombros. "Não estou falando com você agora," disse ele. "Você vai descobrir isso por conta própria, no final."

"Mas seria útil ao seu propósito se o caso Joanna Bramwell fosse...reaquecido?"

"Mick era um bom amigo," disse Arthur.

Slim sentiu que o assunto estava encerrado. "O que você tem para mim?"

"Becca Lees tinha nove anos," continuou Arthur. "Encontrada

nas poças do lado sul da praia na maré baixa."

"Afogada," disse Slim, lembrando o que tinha lido da história. "Morte acidental."

"Nem uma marca nela," acrescentou Arthur. "Eu estava no primeiro carro na cena. Eu-" Slim ouviu um som como um soluço suprimido. "- Eu a enrolei."

"Ouvi muito sobre essas correntes de retorno," disse Slim.

"Era outubro," disse Arthur. "Nessa mesma época do ano. Meio da semana, mas tivemos uma tempestade e a praia estava coberta de escombros. A jovem Becca, de acordo com sua mãe, tinha ido catar madeira para um projeto de arte escolar."

Slim suspirou. "Lembro-me de uma vez fazer o mesmo. E ela decidiu dar um mergulho rápido, e foi puxada pela corrente."

"A mãe dela a deixou no caminho para Carnwell. Voltou uma hora depois para buscá-la, e era tarde demais."

"Você acha que ela foi assassinada?"

Arthur bateu no painel com uma ferocidade que assustou Slim.

"Droga, eu sei que ela foi assassinada. Mas o que eu podia fazer? Você não mata alguém na praia a menos que já seja maré baixa. Sabe por quê?"

Slim balançou a cabeça.

"Você deixa rastros. Já tentou limpar rastros deixados na areia? Impossível. No entanto, havia alguns. Isso é tudo. Até a beirada da água, então havia um pequeno espaço onde a maré tinha abaixado. A menina tinha sido arrastada pela água e jogada

nas rochas, deixada à deriva quando a água recuou."

"Parece afogamento. Ela chegou muito perto, foi puxada, e arrastada pela praia."

"É o que parece. Exceto que Becca Lees não sabia nadar. Ela nem gostava da praia. Ela não tinha maiô com ela. Nós aparecemos, e há um zigzague pela areia onde ela estava recolhendo coisas. Em seguida, a cerca de meio caminho até a marca da maré baixa, há uma única linha reta até a borda da água, que termina com duas pegadas na areia, voltadas para o mar. O que isso te diz?"

Slim soltou uma respiração profunda. "Que ou uma garota que não gostava de água sentiu uma vontade repentina de andar até a costa... ou ela viu algo que chamou sua atenção."

Arthur assentiu com a cabeça. "Algo que veio da água."

Slim pensou na figura que ele pensou ter visto na costa. Becca Lees teria visto algo parecido? Algo que a compeliu a deixar sua coleta de madeira e andar direto para a beira da água?

Algo que a atraiu para a morte?

"Há outra coisa," disse Arthur. "O legista percebeu, mas não foi o suficiente para impedir uma sentença de morte acidental. Os músculos na parte de trás de seus ombros e pescoço exibiam uma tensão não natural, como se tivessem endurecido imediatamente após sua morte."

"Como isso pôde acontecer?"

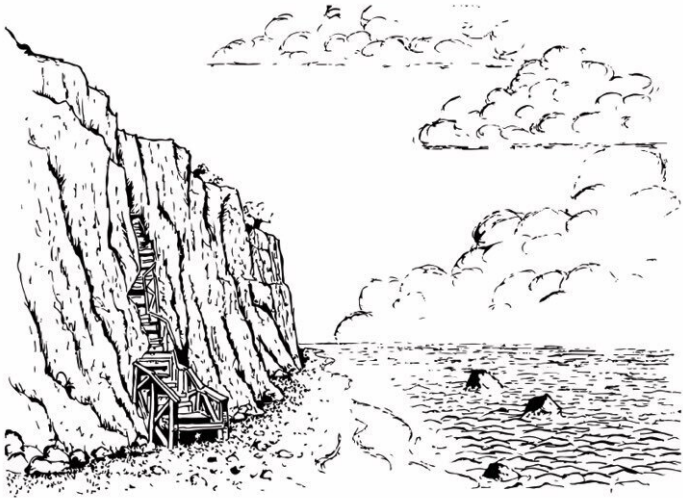
"Falei com o legista, e coloquei ao superintendente como meu motivo para estender a investigação, mas não havia outra

evidência. O que poderia ter provado é que Becca estava tentando suportar uma grande pressão no momento de sua morte."

Slim assentiu com a cabeça. Ele esfregou os olhos como se quisesse banir uma imagem indesejada de sua mente. "Alguém estava segurando-a debaixo d'água."

Os dois trocaram números antes de Arthur deixar Slim perto da casa dele com a promessa de desenterrar o que pudesse encontrar dos arquivos do caso. Havia mais para contar, ele disse, mas com sua esposa e o jantar esperando teria que deixar para outra hora.

Slim, com o cérebro desgastado depois de um dia exaustivo, chegou a apenas uma conclusão concreta: ele precisava falar com Emma sobre Ted.



Ele encontrou Emma em um parque florestal a alguns quilômetros da cidade. Ela escolheu o local por ser um onde eles tinham menos chance de serem vistos, onde eles poderiam conduzir seus negócios sem nenhum risco de alguma coisa chegar a Ted. Enquanto esperava por ela, Slim foi atormentado pela sensação de que eles eram um par de amantes secretos, e a solidão que o acompanhava por toda parte gostava da analogia mais do que ele achava apropriado. Quando Emma se

aproximou, caminhando rapidamente, com a cabeça baixa, Slim enfiou as mãos nos bolsos do casaco, com medo de que elas pudessem o trair.

A expressão de Emma era concisa. "Já se passaram quase dois meses," ela disse. "Você já tem respostas para mim?"

Disse ela sem qualquer saudação formal. E o analista em Slim queria ressaltar que tinham sido sete semanas e quatro dias.

"Sra. Douglas, por favor, sente-se. Sim, tenho algumas informações, mas também preciso de algumas."

"Oh, certo, Sr. Hardy, você está na minha folha de pagamento, mas ainda está descobrindo as coisas, é isso?"

Slim ficou tentado a mencionar que ele ainda não havia recebido um centavo. Em vez disso, ele disse: "Minha conclusão é que seu marido não está tendo um caso—" o alívio no rosto de Emma foi um pouco temperado pela palavra final de Slim: "ainda."

"Do que você está falando?"

"Acredito, nesse momento, que seu marido esteja tentando entrar em contato com uma antiga namorada ou amante. Para que fim, não tenho certeza, mas o óbvio vem à mente. Entretanto, eu preciso saber mais do seu marido a fim de estabelecer que tipo de relacionamento Ted tem ou quer com a pessoa que está tentando contatar."

Slim se repreendeu mentalmente por tratar especulação como fato, mas ele precisava fazê-la soltar a língua.

"Aquele desgraçado. Eu sabia que não deveríamos ter voltado

aqui. Todo mundo transa com todo mundo nessas cidadezinhas horríveis."

Slim quis apontar que se Carnell estivesse no meio de uma orgia em massa ele tinha infelizmente sido negligenciado, mas invés disso tentou forçar um olhar de simpatia em seus olhos.

"Três anos atrás, você me disse, não foi? Que você voltou aqui?"

"Dois," Emma disse, corrigindo o erro deliberado de Slim. Ela respirou fundo, e forneceu todas as informações que Slim esperava que levariam a algo que ele precisava. Era sempre melhor quando o cliente contava tudo antes dele pedir. Fazia a língua, frequentemente uma fera tão arredia, se tornar uma companheira voluntária.

"Lhe ofereceram um trabalho, ele disse. Eu estava feliz em Leeds. Eu tinha meu trabalho de meio expediente, amigos, meus clubes. Não sei porque ele quis voltar. Quero dizer, seus pais já se foram e sua irmã mora em Londres-não que ele ligue para ela -então não é como se ele tivesse algum laço aqui. Quer dizer, nós fomos casados vinte e sete anos, e ele só me trouxe a este lugar algumas vezes, a caminho de outro lugar mais interessante. Tá, teve aquela vez que paramos para comer chips, mas eles realmente não eram bons; secos demais..."

"E seu marido, trabalha em um banco?"

"Já lhe contei isso antes. Investimento. Ele passa o tempo todo afundado no dinheiro dos outros. Quer dizer, é uma existência enfadonha, não é? Mas nem sempre dá pra ganhar a vida fazendo

o que queremos não é, Sr. Hardy?"

"Verdade."

"Quer dizer, se desse, eu seria paga para beber vinho do Porto no almoço."

Slim sorriu. Talvez tivesse encontrado uma alma gêmea afinal de contas. Emma Douglas era pelo menos dez anos mais velha do que ele, mas ela tinha se cuidado de tal forma que mulheres com cartão de membro de academia e tempo livre em excesso não conseguiam. No interesse de fechar o caso, ele percebeu que, com uma bebida ou duas, ele faria o que fosse necessário para manter as línguas soltas.

E pro inferno com a moral.

"E o histórico do seu marido... ele sempre trabalhou com finanças?"

Emma deu uma bufada. "Oh, Deus, não. Ele tentou de tudo, eu acho, depois de se formar. Mas não se ganha muito com besteiras como poesia, não é?"

Slim levantou uma sobrancelha "Seu marido era poeta?"

Emma fez um gesto desdenhoso. "Oh, ele gostava dessas coisas. Ele estudou os clássicos. Sabe, Shakespeare?"

Slim permitiu-se não se ofender. "Conheço alguns títulos," ele disse, escondendo um sorriso.

"Sim, Ted amava esse tipo de coisa. Era um verdadeiro hippie no final da década de setenta. Tentou poesia, teatro, esse tipo de coisa. Ele se formou em 82, e trabalhou por um tempo como professor de inglês substituto. Não é algo que paga as contas, é? É

legal quando você é jovem se dedicar a isso tudo, mas não é algo para fazer a longo-prazo. Um amigo arrumou-lhe um trabalho no banco logo depois que nos casamos, e eu acho que ele achou a renda bem viciante, como se esperaria."

Slim assentiu lentamente. Ele estava traçando um perfil de Emma tanto quanto de Ted. O romântico reprimido, preso em uma vida baseada no dinheiro, com uma esposa troféu materialista colada em seu braço, sonhando com os velhos tempos, de poesia, liberdade, e talvez praias e antigas amantes.

"Ted fala muito sobre os velhos tempos? Digo, antes de vocês se casarem?"

Emma deu de ombros. "Ele falava, às vezes. Quer dizer, eu nunca quis ouvir sobre velhas amantes ou algo assim, mas ele falava sobre sua infância de vez em quando. Menos conforme os anos passaram. Quer dizer, nenhum casamento fica como era, não é? As pessoas não conversam como antes. Não foi assim com você?"

"Comigo?"

"Você me disse que foi casado, não disse?"

Às vezes, pintar-se como vítima fazia as pessoas se abrirem, e ele precisava que Emma sentisse algum companheirismo antes de perguntar as próximas perguntas, mais difíceis.

"Nove anos," ele disse. "Nos encontramos quando eu estava de licença depois da primeira guerra do Golfo. Eu estive nas barracas a maior parte do tempo durante nosso casamento. Charlotte se juntou a mim nas primeiras bases, quando eu estava

na Alemanha. Mas ela não curtiu o Egito, ou mais tarde, o Iêmen. Ela preferiu ficar na Inglaterra e "cuidar da casa", como ela disse."

Emma colocou a mão no joelho dele. "Mas o que ela estava realmente fazendo era assumir o controle de suas finanças e levar outros homens para sua cama?"

Se a escolha das palavras fosse dele, Slim, que assistia muito menos novelas do que era claro que Emma fazia, teria dito de forma diferente, mas ela não estava totalmente errada.

"Foi mais ou menos por aí," disse ele. "Ela estava feliz até que um ferimento caçando piratas no Golfo Persa me fez ser transferido à inteligência militar no Reino Unido. Então eu poderia ir para casa nos fins de semana. Passou um mês até que ela fugiu."

"Com o açougueiro?"

Slim sorriu. "Eu lhe contei sobre isso? Sim, com o açougueiro. Sr. Staples. Eu nunca soube seu primeiro nome. Eu só descobri mais tarde. Ela flertava com um colega que avisou que se mudaria para Sheffield. Eu juntei as peças e me ferrei."

"Coitado." Emma deu um tapinha no joelho dele, e depois deu um leve aperto. Slim tentou ignorá-la.

"As coisas são como são. Não sinto falta do exército nem um pouco. A vida é muito mais interessante como investigador particular, sobrevivendo de pagamento em pagamento.

"Bem, fico feliz," disse Emma, sem perceber a dose pesada de sarcasmo de Slim.

"As coisas pioraram," continuou Slim, indo para o golpe final que os selaria na posição de amigos de piedade para sempre. "Ela mexeu alguns pauzinhos, legalmente falando, quando eu estava servindo. Ela pediu o divórcio e eu descobri que a casa que eu estava pagando agora estava apenas no nome dela. Ela alegou que era uma propriedade pré-existente que ela já tinha antes do nosso casamento. Ela arrumou alguém para ajustar algumas datas em documentos legais e eu perdi tudo. E ela estava grávida, o que lhe dava vantagem. Isso depois de abortar nosso primeiro filho enquanto eu estava na ativa, porque ela não queria que o bebê crescesse sem pai.

"O segundo filho era seu?"

Slim riu. "Claro que não. Não estivemos próximos em anos. Eu presumo que fosse do açougueiro, como o resto da minha vida."

"Oh, isso é horrível." Emma estava acariciando a coxa de Slim, mas ele, com as mãos ainda enfiadas nos bolsos, ignorou. Em vez disso, ele encolheu os ombros. "Uma dessas coisas," disse ele.

"Deve ter sido de partir o coração."

Slim fechou os olhos por um momento, lembrando de um par de botas na areia. "Já vi piores," disse ele.

Emma ficou em silêncio por um momento, franzindo a testa enquanto olhava para a estrada, a mão ainda subindo e descendo pela coxa de Slim como se tentasse aquecê-lo contra o frio.

"Posso te fazer uma pergunta pessoal?" Slim disse.

"Quão pessoal?"

"Este seria o primeiro caso de Ted?"

Emma retirou a mão e pareceu surpresa. "Hum, bem, eu acredito que sim. Quer dizer, eu não tenho certeza, mas ele sempre foi um bom marido."

"E você?"

"O quê?"

"Eu sinto muito por lhe perguntar isso, Sra. Douglas, mas já teve algum caso?"

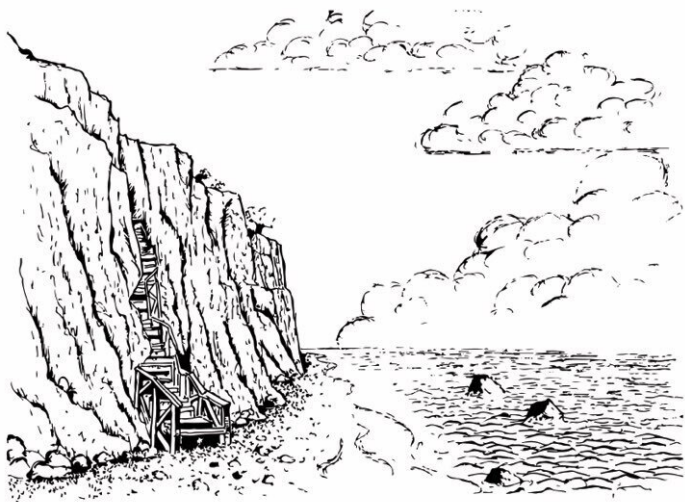
Emma se afastou dele. O espaço vazio entre eles no banco olhava para Slim como uma criança de olhos arregalados.

"O que isso tem a ver?" Emma levantou-se e recuou. "Olha, Sr. Hardy, acho que está na hora de rescindir nosso contrato. Você não me deu nada de útil e agora está me fazendo perguntas assim. Eu não sou uma esposa solitária que você pode simplesmente -"

"Ted alguma vez mostrou algum interesse no oculto?" Slim interrompeu.

Emma olhou para ele, de boca aberta, em seguida, balançou a cabeça. "Eu nunca deveria ter contratado você," ela surtou. "Eu vou descobrir o que está acontecendo sozinha."

Sem mais uma palavra, ela foi embora, deixando Slim sentado sozinho no banco, com os dedos acariciando o lugar quente que sua mão havia deixado em sua coxa.



Sem ideias melhores, Slim foi para a biblioteca e pegou uma antologia de Shakespeare. Então, uma hora depois, ele estava de volta à mesa sob o olhar condescendente do aspirante a escritor para devolver o livro — que tinha sido tão útil quanto ler em francês — e em seu lugar alugar as cópias de DVD da biblioteca.

Na quinta-feira à noite, depois de dois dias na frente da televisão, ele tinha assistido todos os filmes de que ouvira falar e mais alguns. Mesmo vendo o drama acontecer, muita coisa não

fazia sentido, mas se Ted Douglas tivesse passado seus anos de formação absorto com Hamlet e Macbeth, era fácil ver de onde um interesse pelo oculto poderia ter vindo.

Bêbado com vinho tinto barato, Slim cochilou nas cenas finais de *Romeu e Julieta*, e acordou quando seu telefone tocou, se deparando com os dois amantes mortos e os créditos rolando.

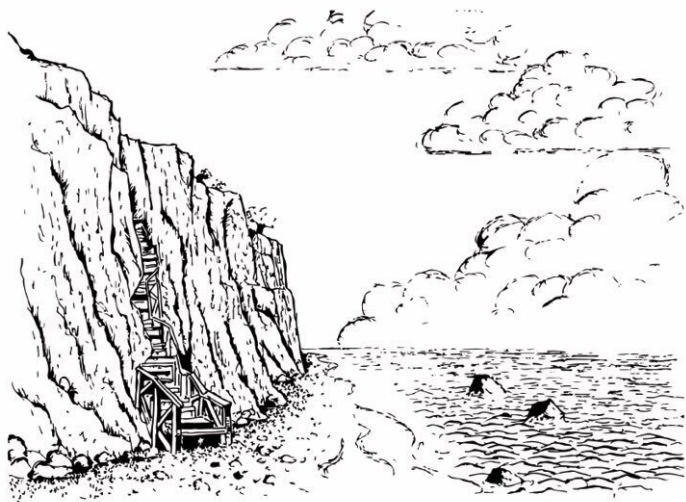
Ele não foi rápido o suficiente para atender a chamada, e a pessoa não deixou nenhuma mensagem. Ao verificar o número, ele percebeu que não era conhecido, e quando ligou de volta não teve resposta. Provavelmente era de Skype ou algum provedor digital parecido.

Ele sentou-se na cadeira, pensando em como proceder. Arthur era sua melhor pista; o chefe falastrão da polícia teria mais a dizer e o know-how para fornecer detalhes internos a Slim.

Mas aonde isso ia dar? Contratado para investigar a possível infidelidade de um rico banqueiro de investimentos, ele encontrava-se remexendo detalhes de um caso antigo, além de vários outros em torno deste.

Ele não estava sendo pago para isso. Era melhor esquecer. Ele tinha aluguel para pagar. Ele não podia arcar com uma tangente tão cara.

No entanto, a mesma compulsão que o fizera se alistar a tantos anos atrás, agora o impulsionava novamente. A necessidade de aventura, de exotismo; era inegável.



Sexta-feira de manhã, ele acordou com uma ressaca pior do que qualquer uma que ele se lembrava nas últimas semanas, olhou para o par de garrafas de vinho vazias na lixeira e, em seguida, tentou persuadir-se de volta à sobriedade com um café da manhã em uma birosca na esquina de sua rua.

Ted estaria na praia de novo esta tarde, mas haveria motivo para ir vê-lo? Era o mesmo ritual toda vez. De qualquer jeito, Emma o havia dispensado. Ele estava de tocaia por nada.

Ele estava voltando para casa quando seu celular tocou. Era Kay Skelton, seu amigo tradutor.

"Slim? Tentei te ligar ontem à noite. Podemos nos encontrar?"

"Agora?"

"Se possível."

A urgência na voz de Kay convenceu Slim. Ele deu a Kay o nome de um bar a algumas ruas de onde estava. Estaria aberto quando ele chegasse lá.

Vinte minutos depois, ele encontrou um barman abrindo as portas e ligando as luzes. Ele lutou contra a vontade de começar cedo, optando por um café, que ele levou para um canto escuro e sentou-se em uma cabine para esperar por Kay.

O tradutor apareceu meia hora depois. Slim estava em seu terceiro café, e a fileira de uísques atrás do bar estava ameaçando quebrar suas defesas.

Slim não via Kay cara a cara desde a época do exército. O especialista em linguística, que agora trabalhava em um emprego fácil de tradução de documentos estrangeiros para um escritório de advocacia, havia amolecido e ganhado peso. Parecia que ele comia bem demais e não bebia o suficiente.

Slim ainda era o único cliente, então Kay o achou imediatamente. Ele chamou o garçom para pedir um conhaque duplo e depois entrou no assento em frente.

Eles apertaram as mãos. Ambos mentiram sobre como o outro parecia bem. Kay ofereceu a Slim uma bebida que Slim recusou. Então, com um suspiro, como se aquilo fosse a última coisa que

ele quisesse fazer, Kay tirou um arquivo da bolsa que ele tinha trazido e colocou-o sobre a mesa.

"Eu cometi um erro," disse ele.

"O quê?"

"Essa é a transcrição. Eu verifiquei duas vezes a tradução, e embora eu tenha acertado o significado, eu cometi um erro em uma pequena seção."

Kay tirou uma folha de papel do arquivo. Um círculo vermelho destacava uma seção de texto desleixado e escrito à mão que Slim assumiu ser latim.

"Esta seção. Seu homem está dizendo a algo para voltar, que precisa voltar para casa. Só que ele não está." Kay apontou para uma palavra que estava tão ilegível que Slim nem tentou ler. "Aqui. Não é "venha", e sim "volte"."

"Voltar?"

Kay acenou com a cabeça. "Seja o que for que seu cara está com medo, já está aqui."

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.